

5.

***Homo Patiens e Salvifici Doloris*. Uma resposta possível para o sofrimento humano contemporâneo**

No presente capítulo o nosso objetivo é responder o questionamento inicial, se as respostas apresentadas no livro *Homo Patiens* e na Carta Apostólica *Salvifici Doloris* poderiam servir de orientação para os homens e mulheres contemporâneos no tocante as questões de sofrimento. Para isso, voltaremos o nosso olhar para as questões apresentadas no início da nossa pesquisa, relacionadas a diversas situações de sofrimento presentes no mundo contemporâneo e que suscitam o questionamento acerca do seu sentido.

O nosso itinerário deverá unir os pontos convergentes das duas obras, para, partindo desse diálogo, iluminar as perguntas acerca do porquê do sofrimento humano e averiguar a sua aplicabilidade na dinâmica pastoral contemporânea.

5.1.

Pontos de unidade entre *Homo Patiens* e *Salvifici Doloris*

Tendo aprofundado o estudo do livro *Homo Patiens* a partir dos conceitos de liberdade e responsabilidade, sentido e, sentido do sofrimento, e tendo igualmente aprofundado a Carta Apostólica *Salvifici Doloris* partindo dos conceitos de salvação como dom do amor, liberdade e responsabilidade, e solidariedade, confrontaremos o resultado do nosso estudo num diálogo entre as duas obras, já atualizando como resposta aos desafios contemporâneos.

5.1.1.

Visão integral da pessoa humana

A pesquisa que realizamos até aqui revelou que tanto Viktor Frankl quanto João Paulo II têm um pensamento integral sobre a pessoa humana, porque ambos concebem o ser humano como uma totalidade bio-psico-espiritual, sem dualismos ou dicotomias. Na visão antropológica de ambos se destaca a dimensão da liberdade e responsabilidade humana, portanto, analisaremos em quais pontos seus pensamentos convergem e onde podem se complementar.

De acordo com o nosso estudo do livro *Homo Patiens*, a liberdade é uma das principais características humanas, mas não se trata de uma visão arbitrária, uma vez que esta é sempre liberdade “para”, ou seja, é intrinsecamente associada à responsabilidade.

Ao proclamar a liberdade humana, Frankl desmascara as teorias que veem o ser humano como um autômato, que responde de forma automática a estímulos e impulsos, sem considerar a dimensão espiritual, pela qual o ser humano é capaz de elevar-se acima dos condicionamentos e realizar sua essência na existência³⁴⁵. A resposta da Logoterapia devolve ao ser humano o seu caráter de decisão perante todos os aspectos da vida³⁴⁶.

Para a *Salvifici Doloris*, esse caráter de liberdade e responsabilidade capacita cada pessoa a fazer da própria vida uma oferta, a ser participante dos sofrimentos de Cristo, em um ato livre de fé, que parte de uma experiência com o amor de Deus e da confiança de não estar abandonado no momento da provação. Assim, a *Salvifici Doloris* apresenta o personagem Jó como alguém que diante da inexplicabilidade do seu sofrimento não deixou de buscar o sentido da vida e o sentido do sofrimento. Nessa busca, Jó ultrapassou as justificativas pré-estabelecidas e chegou ao mais profundo de si mesmo, onde pôde falar com Deus, diante de quem suspirou: “Te conhecia de ouvir falar, agora meus olhos te viram”³⁴⁷.

O ser humano é responsável perante a própria vida, quando não se resigna, mas se faz protagonista da sua história, perante si mesmo e perante o outro. Esse é o exemplo do bom samaritano, testemunha de que “a revelação feita por Cristo, do sentido salvífico do sofrimento, não o identifica, de forma alguma, com um comportamento de passividade”³⁴⁸.

Para ambos, portanto, o ser humano é livre e responsável. A sua liberdade fundamenta-se no seu ser imagem e semelhança de Deus e, sendo criado livre, o ser humano está em relação dialogal com o seu Criador, portanto é capaz de responder de forma criativa às perguntas que a vida lhe impõe. Esse caráter de liberdade e responsabilidade se mostra operante quando, diante do sofrimento, o ser humano não se resigna, ou seja, não aceita passivamente e sem esperança, mas busca

³⁴⁵ Cf. FRANKL. *Homo Patiens*, p.232.

³⁴⁶ Cf. PETER. *Viktor Frankl: A antropologia como terapia*, p.6.

³⁴⁷ Jó 42,5.

³⁴⁸ SD 30.

respostas. E “quanto é importante a pergunta sobre o sentido do sofrimento e com que acuidade de devem tratar quer a mesma pergunta, quer as possíveis respostas a dar-lhes”³⁴⁹.

5.1.2. O sentido da vida

Considerando a existência humana sempre individual e concreta, Frankl afirma também que a questão do sentido da vida só pode ser concreto, e “vale em cada caso somente *ad personam e ad situationem*”³⁵⁰. Além do sentido relacionado a cada situação peculiar da vida, também existe o supersentido, o sentido último. Contudo,

no momento em que estou agindo, devo restringir minha crença no supersentido a fim de ser capaz de agir. Devo ater-me tão somente ao sentido que em cada caso percebo, em vez de visar o supersentido, que se impõe. Posso confiar que, de uma maneira ou outra, ele acabará por se impor. Posso contar com ele, mas não devo incluí-lo em meus cálculos.³⁵¹

A vida, para Frankl, tem sentido sempre e apesar de tudo, por isso podemos afirmar que também o sofrimento, enquanto fenômeno inerente à vida, tem sentido. Isso significa que “com a indagação do sentido do sofrimento acontece o mesmo que com o sentido da vida. Se quisermos solucionar o problema, teremos de lhe dar uma guinada copernicana, tomando consciência de que nos cabe responder e não perguntar”³⁵². Se lançarmos um olhar para a *Salvifici Doloris*, veremos que para João Paulo II a resposta ao sentido do sofrimento está intrinsecamente ligada à obra de salvação e de libertação operada por Cristo em favor de toda a humanidade. Dessa forma compreendem-se todas as referências ao Apóstolo Paulo como modelo de alguém que encontrou o sentido da vida em Cristo e por isso testemunha: “Tudo posso naquele que me dá força”³⁵³, e: “Alegro-me nos sofrimentos suportados por vossa causa e completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja”³⁵⁴.

³⁴⁹ SD 9.

³⁵⁰ FRANKL. *Homo Patiens*, p.232.

³⁵¹ Ibidem, p.235.

³⁵² Ibidem, p.282-283.

³⁵³ Fil 4,13.

³⁵⁴ 1Cl 1,24.

A salvação é um dom do amor de Deus, não se trata de um sentimento, ao contrário, é uma realidade neste nosso mundo, por meio da qual somos inseridos numa vida nova, de liberdade no amor e no serviço.³⁵⁵ Inserido na graça desse amor salvífico, o ser humano não se deixa sucumbir diante das adversidades, pois encontra na sua vida uma força criativa para, não podendo mudar ao seu redor, mudar a sua postura perante todas as situações, ou seja, transcender à situação, indo além dela.

Proclamar a força salvífica que emana da oferta de amor de Cristo é proclamar a cada pessoa que padece que ela não está só no seu padecimento, porque “as fraquezas de todos os sofrimentos humanos podem ser penetradas pela mesma potência de Deus, manifestada na Cruz de Cristo”³⁵⁶. Esta é uma mensagem de esperança de que, em Cristo, o sofrimento não é a última palavra e de que, pelo mistério da união de todos no Seu corpo, há uma esperança de libertação do mal.

Ao comentar sobre o sofrimento redentor de Cristo, a *Salvifici Doloris* enfatiza a verdade do ser corpo de Cristo, esse Corpo é vivo porque Cristo está presente, vivo e ressuscitado. Portanto, as alegrias e os sofrimentos padecidos pelos membros deste corpo, são alegrias e padecimentos de Cristo. É o mistério da comunhão no único corpo.

Esta Redenção, no entanto, embora tenha sido realizada em toda a sua plenitude pelo sofrimento de Cristo, à sua maneira vive e desenvolve-se ao mesmo tempo na história dos homens. Vive e desenvolve-se como o Corpo de Cristo, que é a igreja; e nesta dimensão, todo sofrimento humano, em razão da sua união com Cristo no amor, completa o sofrimento de Cristo. Completa-o como a igreja completa a obra redentora de Cristo. O mistério da Igreja – daquele Corpo que completa também em si o corpo crucificado e ressuscitado de Cristo – indica, ao mesmo tempo, aquele âmbito no qual os sofrimentos humanos completam o sofrimento de Cristo.³⁵⁷

Se o sentido da vida é que cada pessoa realize a sua essência na existência³⁵⁸, e se Cristo é “o homem perfeito que revela o homem ao homem”³⁵⁹, tendo sido criado à imagem e semelhança de Deus, o ser humano encontrará em Cristo, nas suas palavras e ações, a possibilidade de realização de sentido na sua vida. A vida de Cristo passa a ser meta de vida daqueles que acolhem a salvação e a libertação

³⁵⁵ Cf. RUBIO. A. Garcia. *O Encontro com Jesus Cristo Vivo*. São Paulo: Paulinas, 2012, p.111.

³⁵⁶ SD, n.23.

³⁵⁷ Ibidem 24.

³⁵⁸ Cf. FRANKL. *Homo Patiens*, p.232.

³⁵⁹ GS, n.22.

operadas por ele e, seguem o seu exemplo de confiança no Pai e de oferta de si em favor dos irmãos.

5.1.3. Solidariedade como caminho de realização

A Logoterapia é uma teoria libertadora porque se posiciona contra todas as tendências niilistas que aprisionam o ser humano dentro dos limites biológicos, sociais e psicológicos. Frankl é consciente de que “todo o humano é condicionado”³⁶⁰, não podemos fugir das categorias bio-psico-sociais, mas, por sua característica primordial de ser espiritual, transcender às necessidades vitais e sociais é uma característica autenticamente humana. “A sujeição do homem não é, portanto, apenas um elemento fatural, é uma realidade que clama, por assim dizer, para ser ultrapassada”³⁶¹.

Transcender, para a Logoterapia, é elevar-se acima de si mesmo e de qualquer situação e responder às perguntas que a vida nos faz a cada instante; é ter um olhar de esperança no ser humano e ter como meta o que ele deve ser, não somente o que pode fazer; acima de tudo é dar respostas à vida através da realização de valores. Diante do tema o qual nos propomos refletir, interessam-nos sobretudo os valores atitudinais, através dos quais revela-se uma particular capacidade humana de doar a sua vida por amor de algo ou de alguém.

Transcender, na visão da *Salvifici Doloris*, é unir-se a Cristo e, pela força que emana da sua vida, morte e ressurreição que é o dom do Espírito Santo, ir além de si mesmo e ser sinal da misericórdia e do amor de Deus através dos atos concretos de solidariedade. Assim, o documento explica que toda atividade social que visa aliviar o sofrimento do próximo é verdadeiro apostolado, se as suas motivações são legitimamente evangélicas. A parábola do Bom Samaritano e a declaração de Cristo sobre o juízo final, presente no Evangelho segundo Mateus³⁶², indicam a meta da maturidade cristã, que é amar como Cristo nos amou: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos. Vós sois meus amigos, se praticais o que vos mando”³⁶³.

³⁶⁰ FRANKL. *Homo Patiens*, p,216.

³⁶¹ Ibidem.

³⁶² Cf. Mt 25,

³⁶³ Jo 15,13-14.

Com a Logoterapia compreendemos que a maturidade não depende apenas dos fatores externos, porque o ser humano é livre e responsável, e João Paulo II o comprova, ao afirmar que os participantes dos sofrimentos de Cristo, ou seja, aqueles que, ao passarem pelo Calvário da vida apoiam-se na força da ressurreição de Cristo, assim manifestam a sua grandeza moral e a sua maturidade espiritual.

Assim, a partir destas concepções acerca do ser humano, do sofrimento e da graça de Deus, gostaríamos de aplicar as respostas apresentadas pelo livro *Homo Patiens* e pela Carta Apostólica *Salvifici Doloris* para as várias formas de sofrimento do mundo contemporâneo e buscar, a partir dos caminhos indicados por ambos, luzes e esperanças para quem está no sofrimento e para quem passa ao seu lado.

5.2.

A atualidade do livro *Homo Patiens* e da Carta *Salvifici Doloris*

A reflexão inicial da presente dissertação levou-nos a inferir que o sofrimento faz parte da vida humana e mesmo as conquistas do mundo moderno e contemporâneo não foram capazes de afastar esse mal do mundo. Observamos também que as transformações culturais, sobretudo nas últimas cinco décadas, influenciaram o modo como lidamos com a vida, a saúde, a morte e, consecutivamente, com a dor e com o sofrimento, podendo chegar à manipulação da vida como fuga e rejeição da fragilidade humana. Contudo, apesar de todas as conquistas e transformações, o sofrimento é algo presente na vida de todos e permanece o desafio de compreender qual é o seu sentido ou se ele tem algum sentido.

Na realidade, como afirma Mariana Furtado, todo o aparato técnico e científico pós-moderno não está interessado

no sentido do sofrimento, mas em resolver a pergunta “para que serve o sofrimento?”, cuja resposta aponta para a inutilidade desta experiência tendo em vista o pressuposto da eficácia na gestão de si. Assim, “o por que” do sofrimento não é discutido, mas sim “como fazer” para se ter uma performance compatível com o tempo acelerado que vivemos hoje.³⁶⁴

³⁶⁴ FURTADO. *O lugar do sofrimento na cultura contemporânea*, p.99.

Para Viktor Frankl as diversas formas de reducionismo antropológico, biologismo, psicologismo e sociologismo, acarretam mais sofrimentos do que o que pretendem evitar ou suprimir, especialmente por transformar a pessoa em um objeto. Segundo a análise que fizemos sobre o sofrimento no mundo contemporâneo, constatamos que tais visões continuam presentes e determinam padrões de comportamentos na sociedade.

São diversas as causas do sofrimento no mundo: a doença, a morte, a fome, a miséria, a violência, o desemprego, a solidão, a guerra, as catástrofes naturais e tantas outras, porém a resposta aplicada para cada uma apresenta uma estreita relação com a visão que se tem acerca do ser humano. O que está em jogo é e será sempre a dignidade da pessoa humana.

Em vista da possibilidade de encontrar sentido no sofrimento, o significado da vida passa a ser algo incondicional - ao menos potencialmente. Este sentido incondicional, no entanto, encontra paralelo no valor incondicional que cada pessoa, sem exceção, possui. E é isto que garante o fato indelével da dignidade humana. Assim como a vida permanece potencialmente significativa sob quaisquer circunstâncias, mesmo as mais miseráveis, também o valor de cada pessoa, sem exceção, a acompanha, e o faz porque está baseado nos valores que a pessoa já realizou no passado. Não está subordinado à utilidade que a pessoa possa ter ou não no presente.³⁶⁵

É inegável que quando se perde de vista o valor e a dignidade da pessoa humana, “o efêmero é elevado a nível de valor, iludindo assim a possibilidade de se alcançar o verdadeiro sentido da existência. Deste modo, muitos arrastam a sua vida quase até à borda do precipício”³⁶⁶. Ou seja, com o advento do mundo moderno e com a redução do valor e da influência das tradições passamos a viver numa constante busca de autossuperação, com a necessidade de estar “perpetuamente à frente de si mesmo, em um estado de constante transgressão”³⁶⁷, mas esse tipo de perfeição é inalcançável, por isso gera frustrações em quem não aceita os limites humanos.

Algumas patologias sociais como a proliferação da depressão, da violência, da drogadição e a hipertrofia sexual, podem ser interpretadas como caminhos de fuga diante da falta de sentido, ou seja, são decorrentes do vazio existencial. No

³⁶⁵ FRANKL. *Em busca de sentido*, p.97.

³⁶⁶ FR, n.6.

³⁶⁷ BAUMAM. *A Sociedade Individualizada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.135.

mundo contemporâneo, essas patologias são, muitas vezes, promovidas ao patamar de status cultural ou de expressão artística, escondendo a sua raiz niilista e maquiando o seu fruto nocivo na vida individual e social de quem as elas adere.

Em *Sede de Sentido*, Frankl expõe o seu pensamento acerca do comportamento sexual da sociedade pós-moderna e afirma que,

hoje em dia, a sexualidade vai-se desvalorizando na mesma medida em que se vai desumanizando. Ouso afirmar que a sexualidade humana é sempre muito mais do que mera sexualidade, pois é o veículo, a encarnação, a expressão física de relações metassexuais entre determinadas pessoas. É o meio de expressão do amor, se quisermos exprimi-lo nesses termos, e é somente na medida em que é veículo desse amor que se torna verdadeiramente humana. Mais ainda: é somente então que pode realmente contribuir para a felicidade e para a paz do indivíduo.³⁶⁸

Na sua opinião, colaboram para a propagação e ampliação desse tipo de patologia, a pressão exercida pelo ambiente social e pelos promotores da indústria do sexo. A denúncia feita pelo pai da Logoterapia é muito pertinente, e não é difícil identificar na atual sociedade a mesma realidade:

São campeões da democracia, lutam pela liberdade de imprensa e são contrários a qualquer tipo de censura; mas, no fundo, o que querem é a liberdade de fazer dinheiro, de comerciar à custa dos outros, e para este fim, o comércio é disfarçado de “arte”, de “educação”, de “esclarecimento”.³⁶⁹

Em uma das catequeses sobre o amor humano, João Paulo II fala do risco de tratar o ser humano somente através de um determinado aspecto. Tendo um conhecimento parcial deve evitar a manipulação das subjetividades, sobretudo dos mais jovens que podem vir a ser privados da dignidade derivante da unidade e unicidade do seu ser. “Encontramo-nos aqui no limite de problemas, que muitas vezes exigem soluções fundamentais, impossíveis sem uma visão integral do homem”.³⁷⁰

As quatro patologias supracitadas, por decorrerem do vazio existencial, que Frankl denomina ‘patologia do espírito da época’ conduzem a atitudes de fuga diante da vida.³⁷¹ Exporemos algumas das consequências dessas patologias por

³⁶⁸ FRANKL. *Sede de Sentido*, p.24.

³⁶⁹ Ibidem, 26.

³⁷⁰ JOÃO PAULO II. Audiência Geral 08 de abril de 1981. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1981/documents/hf_jp-ii_aud_19810408.html. Acessado em 10/08/2017.

³⁷¹ Cf. FRANKL. *Homo Patiens*, p.225-230.

percebermos que elas continuam presentes na atual sociedade, e para tentar lançar luzes que indiquem um caminho de retorno.

A primeira é a ‘atitude provisória diante da vida’, caracterizada por quem olha a vida como algo transitório e, por isso, “não julga necessário tomar o destino em suas mãos”³⁷², e esta é a atitude típica de quem, preso ao momento presente, sem raiz e sem meta, vê na existência “somente uma oportunidade para sensações e experiências onde o efêmero detém o primado”³⁷³.

A segunda é o ‘fatalismo’, que é a atitude típica daqueles que vivem sem esperança, portanto sem consciência da própria liberdade, e por isso não se comprometem nem assumem responsabilidades. Diante dos males da vida, “ou ele culpa a situação social em que se encontra, ou então as predisposições psicossomáticas de que é dotado”³⁷⁴. Atitude semelhante têm aqueles que cruzam os braços diante do sofrimento, próprio ou de outros, e conformados lamentam a inevitabilidade dos fatos. Assim agiram os amigos de Jó, que se fizeram defensores de uma ordem moral objetiva pela qual é necessário punir os pecadores³⁷⁵, mas se tornaram indiferentes ao sofrimento do amigo.

A terceira postura é denominada ‘pensamento coletivista’, que também é uma forma de fugir das responsabilidades. “Ocorre assim, que a maioria das pessoas hoje em dia não tem opiniões, as opiniões é que as ‘têm’”³⁷⁶. Tal postura pode ser exemplificada por aqueles que, justificados por ideologias e clichês permanecem inertes diante dos sofrimentos do próximo, das urgências sociais e do mal no mundo. Foi esta a atitude do levita e do sacerdote na parábola do bom samaritano³⁷⁷.

A quarta postura característica da patologia da época é o fanatismo que, ao contrário da anterior que anula a própria opinião e se deixa absorver pela maioria, o fanático é aquele que despreza a opinião do outro, de quem pensa diferente de si, absolutizando a própria opinião. Nesse sentido, fanático é alguém que “padece de ideias de supervalorização”³⁷⁸, que tem necessidade de que as suas ideias, opiniões e a sua própria pessoa estejam acima dos demais e que todos estejam em função

³⁷² Ibidem, p.225.

³⁷³ FR, n.46.

³⁷⁴ FRANKL. *Homo Patiens*, n.225.

³⁷⁵ Cf. SD, n.10.

³⁷⁶ FRANKL. *Homo Patiens*, p.226.

³⁷⁷ Lc 10,33-34; Cf. SD n.28.

³⁷⁸ FRANKL. *Homo Patiens*, p.228.

dele. Não é difícil encontrar pessoas com este perfil ‘fanático’ no mundo da política, da economia, no meio empresarial, mas também podemos encontrá-lo dentro das escolas, nas nossas casas, nas paróquias e nas diversas comunidades religiosas. Outro termo com o qual podemos designar a postura do fanático é egolatria e o Papa Francisco, em um discurso para os membros da Pontifícia Academia para a Vida, falou sobre a gravidade deste tema e as suas consequências na sociedade.

Parece que hoje a criatura humana se encontra numa particular passagem da sua história que, num contexto inédito, se depara com as antigas e sempre novas interrogações sobre o sentido da vida humana, acerca da sua origem e do seu destino. A característica emblemática desta passagem pode ser reconhecida, de modo resumido, no rápido difundir-se de uma cultura obcecadamente centrada na soberania do homem — quer como espécie, quer como indivíduo — em relação à realidade. Alguns chegam a falar de *egolatria*, ou seja, de um verdadeiro culto do ego, sobre cujo altar são sacrificadas todas as coisas, inclusive os afetos mais queridos. Esta perspectiva não é inócua: ela plasma um sujeito que se completa continuamente ao espelho, a ponto de se tornar incapaz de dirigir o olhar para os outros e para o mundo. A propagação desta atitude tem consequências extremamente graves para todos os afetos e vínculos da vida.³⁷⁹

No livro *Deus e o sentido da vida*, Rafael Cifuentes narra a estória de um navio equipado com os mais modernos recursos de diversão, conforto e prazer no seu interior, porém nenhum dos seus navegantes sabia para qual porto se dirigia; no fundo as distrações mascaravam a irracionalidade de toda a tripulação que, presa nos prazeres presentes, se recusavam a pensar no seu destino futuro. Mas um dia acaba o combustível, e os motores param e o barco é engolido pelo oceano. Assim ele conclui:

Há muitos que se evadem embarcando num modelo de vida semelhante a esse do navio fantasma. Eles elaboram um projeto de vida fechado em si mesmo, seguro, como um casco de aço, e nele embarcam [...]. Todavia, se a esse mecanismo perfeitamente programado lhe faltar a última finalidade, lhe faltar Deus, será como um barco sem porto, algo absolutamente irracional.³⁸⁰

São irracionais os que vivem vida semelhante porque, por medo da morte, agarram-se aos prazeres da vida terrena como se esta fosse eterna; são irracionais

³⁷⁹ FRANCISCO. Aos participantes da Assembleia Geral dos Membros da Pontifícia Academia para a Vida. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/october/documents/papa-francesco_20171005_assemblea-pav.html. Acessado em 14/12/2017.

³⁸⁰ CIFUENTES, Rafael Llano. *Deus e o sentido da vida*. Rio de Janeiro: Marquês Saraiva, 2005, p.69.

porque tentam, em vão, saciar a sua sede de eternidade com alimentos efêmeros, que esvanecem e não saciam; mais ainda, são irracionais porque cedo ou tarde perceberão que o combustível do navio está acabando e podem cair no desespero por desconhecer o sentido da sua vida.

Em “um mundo que se acha, como nunca, transformado pelo progresso operado pelo homem, e está ao mesmo tempo, como nunca, em perigo por causa dos erros e culpas do mesmo homem”³⁸¹, o que pode começar a curar a patologia do século e as suas consequências é exatamente aquilo que ela nega, o ser humano integral, mas este só pode existir numa atitude aberta e relacional com Deus³⁸². Para tanto é necessário “tornar presente o caráter histórico da existência e, com isso, a responsabilidade do homem para com a vida”³⁸³, mais ainda, é abrir-se à compreensão de que, diante do sofrimento, a única atitude cristã é fazer-se dom, “esse dom desinteressado do próprio ‘eu’ em favor dos outros homens, dos homens que sofrem”³⁸⁴.

Em um dos seus célebres romances, Tolstói retrata com um realismo surpreendente a história de um homem que, tendo vivido alheio às questões fundamentais da vida, experimenta o desespero diante da inevitabilidade da sua morte. Assim, Ivan Ilitch, sentido que estava morrendo, tentava, em vão, preencher o pensamento com qualquer coisa que ocultasse a ideia da morte. Tentava até mesmo se convencer de que o silogismo aprendido na lógica: Caio é homem, os homens são mortais, logo Caio é mortal, dizia respeito somente a Caio ou a outros homens, não a ele. No meio das suas dores e agonias, começa a entrever a verdade tão evitada:

E de repente, o caso se lhe apresentou por uma face completamente oposta. “O ceco! O rim – disse a si mesmo. – O caso não está no ceco, nem no rim, mas na vida e... na morte. Sim, a vida existiu, mas eis que está indo embora, embora, e eu não posso detê-la. Sim. Para quê me enganar? Não é evidente para todos, com exceção de mim, que estou morrendo, e a questão reside apenas no número de semanas, de dias, talvez seja agora mesmo? Existiu luz, e agora é a treva. Eu estive aqui, e agora vou para lá! Para onde?” Um frio percorreu-o, a respiração se deteve. Ele ouvia apenas as batidas do coração.³⁸⁵

³⁸¹ SD, n.8.

³⁸² Cf. PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. *O Humano e o Fenômeno religioso*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010, p.53.

³⁸³ FRANKL. *Homo Patiens*, p.229.

³⁸⁴ SD, n.29.

³⁸⁵ TOLSTÓI, Lev. *A Morte de Ivan Ilitch*. São Paulo: Editora 34, 2016, p.46-47.

Num momento de profunda lucidez, nosso personagem se vê diante de uma espécie de tribunal interior, repassa toda a sua vida história e percebe que construiu a sua vida sobre base frágeis, que as suas escolhas e relações estavam baseadas apenas na aparência e no status econômico. Toda a sua existência foi carente de autênticos valores humanos.

E se isto é assim – disse ele consigo – e eu parto da vida com a consciência de que destruí tudo o que e foi dado, se não se pode mais corrigi-lo, que fazer então?” – Deitou-se de costas e pôs-se a examinar toda a sua vida de maneira completamente diversa. Quando ele viu de manhã o criado, depois a mulher, em seguida a filha, o médico, cada um dos movimentos deles, cada uma das suas palavras confirmava para ele a terrível verdade que se revelara naquela noite. Via neles a si mesmo, tudo aquilo de que vivera, e via claramente que tudo aquilo era não o que devia ser, mas um embuste horrível, descomunal, que ocultava tanto a vida como a morte. A consciência disso aumentou, duplicou os seus sofrimentos físicos. Ele gemia, revolia e repuxava a roupa, tinha a impressão de que ela o apertava e sufocava. E ele odiava-os por isso.³⁸⁶

Este romance retrata a tragédia do vazio existencial, de uma vida vivida superficialmente, como mera reação a estímulos e impulsos internos e externos. Este é o resultado de qualquer visão antropológica que exclui a dimensão espiritual: nos tornamos surdos à voz de Deus, às necessidades do nosso espírito e cegos às necessidades dos outros.

Numa reflexão sobre a vida a partir da morte, von Balthasar explica que a morte, sendo o término da vida física, está presente em todos os momentos, e “também no aspecto espiritual, acaba conferindo à nossa existência uma dignidade única: o ímpeto da singularidade irrepetível, e a responsabilidade a ela associada.”³⁸⁷

Daí a importância da mensagem de Viktor Frankl, no conjunto da sua obra e especialmente do livro *Homo Patiens*, e a importância da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, não somente numa dimensão de estudos psicológicos e teológicos, mas em todas as questões verdadeiramente humanas, como questionamento, suporte e guia; porque as duas obras, conforme observamos, tratam de um assunto importante, sempre atual e muito difícil, e o fazem com respeito, com firmeza e com esperança.

³⁸⁶ Ibidem, p.72.

³⁸⁷ BALTHASAR, Hans U. von. Vida a partir da Morte. Meditações sobre o mistério pascal. São Paulo: Paulus, 2016, p.19.

A experiência da dor e do sofrimento nos faz questionar acerca do sentido, e quando não se tem a dimensão da fé, onde poderíamos encontrar respostas que orientem as nossas escolhas? “Onde poderia o homem procurar resposta para questões tão dramáticas como a dor, o sofrimento do inocente e a morte, a não ser na luz que dimana do mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo?”³⁸⁸

A partir de tudo o que vimos até aqui, daremos mais um passo para melhor compreender onde está Deus, diante do sofrimento humano, e qual é o papel da fé, seja no âmbito pessoal ou comunitário, no desafio de encontrar sentido diante do sofrimento no mundo contemporâneo.

5.3. O Evangelho como negação da passividade diante do sofrimento humano

O caminho percorrido até aqui nos leva a afirmar que muitas vezes, diante da incompreensibilidade do sofrimento, especialmente o sofrimento do inocente, a fé em Deus fica obscurecida, podendo chegar à recusa ou à negação da sua existência. Para muitos, especialmente após os mestres da suspeita, diante da tragicidade e das consequências do mal no mundo, resta apenas o deicídio. Quem opta por este caminho descobre, cedo ou tarde, que a exclusão de Deus não salva o homem do mal, antes, fá-lo afundar no abismo sem esperança. Porém, como crer na bondade de Deus diante de tanto sofrimento no mundo?

São, nesse sentido, eloquentes as palavras do Papa o Papa Bento XVI, durante a sua visita ao campo de concentração de Auschwitz:

Senhor, por que silenciaste? Por que toleraste tudo isto? É nesta atitude de silêncio que nos inclinamos profundamente no nosso coração face à numerosa multidão de quantos sofreram e foram condenados à morte; todavia, este silêncio torna-se depois pedido em voz alta de perdão e de reconciliação, um grito ao Deus vivo para que jamais permita uma coisa semelhante.³⁸⁹

As suas palavras não se referiam somente a um fato do passado; porque “o passado nunca é apenas passado. Ele refere-se a nós e indica-nos os caminhos que

³⁸⁸ FR, n.12.

³⁸⁹ BENTO XVI. Discurso do Santo Padre durante a visita ao campo de concentração de Auschwitz-Birkenau. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau.html. Acessado em 14/12/2017.

não devem ser percorridos e os que o devem ser”³⁹⁰. Mas antes dele, outro Papa também visitou Auschwitz e chamou aquele lugar de “Gólgota do mundo contemporâneo”³⁹¹ e, dez anos depois, naquele mesmo lugar, o silêncio respeitoso e comovente do Papa Francisco ressoou como um grito de misericórdia aos ouvidos do mundo.

Os dois autores escolhidos para fundamentar a nossa pesquisa tiveram suas vidas marcadas por inúmeros sofrimentos e deram especial atenção a este tema, colaborando, a partir das suas experiências e reflexões, com aqueles que desejam ultrapassar a visão puramente imanente da vida diante do sofrimento.

Em *Homo Patiens* Frankl propõe uma *pathodiceia*, como uma possível interpretação do sofrimento, visto que as respostas apresentadas por uma teodiceia, muito preocupada em justificar a bondade de Deus contra a presença do mal no mundo tem contribuído para a rejeição de Deus sobretudo nos dois últimos séculos. Contudo, é fundamental compreender que Frankl não faz uma apologia ao sofrimento, ao contrário, exalta o valor da vida humana.

Quem permanece preso à dimensão imanente da vida, facilmente argumenta contra Deus à vista do mal e do sofrimento. É a posição que Gesché denomina *Contra Deum* e que se identifica com o ateísmo, por considerar Deus como “responsável direto ou indireto do mal, que não pôde ou não quis impedir, não existe ou não pode existir, a não ser que o consideremos como perverso ou inútil, o que acaba com a sua ideia”³⁹². Gesché igualmente argumenta contra aqueles que, diante do mal e do sofrimento, muito depressa tomam a defesa de Deus ao ponto de afastá-lo da questão, mantendo-o distante demais do ser humano.³⁹³ Este não seria o caminho contrário ao de Jesus? Porque ele demonstrou que Deus não está distante daqueles que sofrem, e o demonstrou tomando sobre si todo o sofrimento humano ao ponto revesti-lo de uma dimensão completamente nova, associando-o ao amor³⁹⁴.

³⁹⁰ Ibidem.

³⁹¹ JOÃO PAULO II. Homilia do Santo Padre durante solene celebração no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790607_polonia-brzezinka.html. Acessado em: 14/12/2017.

³⁹² GESCHÉ. *O Mal*, p.15.

³⁹³ Cf. Ibidem, p.17-20.

³⁹⁴ Cf. SD, n.18.

Algumas constatações essenciais acerca do sentido do sofrimento na teoria de Viktor Frankl foram elencadas por Aquino e assim exemplificadas: a) que o sofrimento faz parte da vida; b) que um sofrimento desnecessário seria masoquismo; c) que o sofrimento não retira o sentido da vida; d) que quando o ser humano não percebe um sentido no próprio sofrimento, está mais propenso ao desespero; e) que no sofrimento também existe um valor a ser desvelado e que este seria o valor de atitude.³⁹⁵

Tal possibilidade de desvelar o sentido da vida apesar do sofrimento e no sofrimento, transforma o olhar de quem sofre acerca da sua condição, chegando a transformar uma tragédia pessoal num monumento que ninguém poderá apagar³⁹⁶.

Esta é a experiência daqueles que, iluminados pela ressurreição de Cristo, sentem-se elevados na sua fraqueza e impulsionados a servir aos demais, conforme lemos na *Salvifici Doloris*:

Aqueles que participam nos sofrimentos de Cristo têm diante dos olhos o mistério pascal da Cruz e da Ressurreição, no qual Cristo, numa primeira fase, desce até às últimas consequências da debilidade e da impotência humana: efetivamente, morre pregado na Cruz. Mas dado que nesta *fraqueza* se realiza ao mesmo tempo a sua *elevação*, confirmada pela força da Ressurreição, isso significa que as fraquezas de todos os sofrimentos humanos podem ser penetradas pela mesma potência de Deus, manifestada na Cruz de Cristo. Nesta concepção, *sofrer* significa tornar-se particularmente *receptivo*, particularmente *aberto à ação das forças salvíficas de Deus*, oferecidas em Cristo à humanidade. Nele, Deus confirmou que quer operar de um modo especial por meio do sofrimento, que é a fraqueza e o despojamento do homem; e ainda, que é precisamente nesta fraqueza e neste despojamento que Ele quer manifestar o seu poder.³⁹⁷

O que seria este poder? De que tipo de poder Jesus fala? Será que nossos discursos teológicos, nossas catequeses e pregações transmitem de modo adequado a noção de potência presente no Evangelho? Ou será que transferimos o nosso desejo de poder para uma concepção errônea de Deus, resultando em uma manipulação da religião para fins particulares? Em outras palavras: somos nós imagem e semelhança de Deus ou nosso deus é imagem e semelhança nossa?

O Documento de Aparecida, quando fala da missão de evangelizar da Igreja, ensina que devemos anunciar aos nossos povos que

³⁹⁵ Cf. AQUINO. *A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl*, p.71.

³⁹⁶ Cf. FRANKL. *A presença ignorada de Deus*, p.81.

³⁹⁷ SD, n.23.

Deus nos ama, que sua existência não é uma ameaça para o homem, que Ele está perto com o poder salvador e libertador de seu Reino, que Ele nos acompanha na tribulação, que alenta incessantemente nossa esperança em meio a todas as provas. Os cristãos somos portadores de boas novas para a humanidade, não provetas de desventuras.³⁹⁸

A credibilidade deste anúncio fica comprometida quando somos indiferentes aos sofrimentos presentes no mundo, quando compartimentamos a sua imagem na memória como apenas um conteúdo de telejornal, que no final das contas, não nos diz respeito. Corremos o risco de nos acostumar com os rostos sofridos dos enfermos nos longos corredores dos hospitais, com as mãos estendidas dos moradores de rua, com os corpos desfrutados das crianças, dos adolescentes e de tantas mulheres tratados como mercadoria; podemos nos acostumar com o olhar sem esperança dos milhares de pais e mães desempregados e sem perspectiva de um novo amanhã, com o grito dos milhões de refugiados e expatriados em decorrência do horror da guerra e do terrorismo. Para sermos fiéis ao Evangelho, o nosso anúncio deve dirigir-se principalmente a eles.

Se quisermos seguir os passos de Jesus deveremos vencer toda visão reducionista acerca do ser humano e acerca de Deus, conforme nos ensinam Viktor Frankl e João Paulo II. Em outras palavras, como tão bem demonstrou Gesché, deveremos jogar sobre Deus o escândalo do sofrimento e do mal no mundo, como faziam os homens e as mulheres de fé na Sagrada Escritura, para então percebê-lo como aliado na luta contra o mal³⁹⁹. O Deus de Jesus Cristo não é o grande arquiteto do mundo que, tendo concluído a sua obra, permanece acima dela, apenas observando e, de vez em quando, de maneira seleta, faz alguns ajustes necessários. Não! Deus participa da história humana, com todas as suas vicissitudes, e participa envolvendo-se na história humana até às últimas consequências.

No seu livro, *A Misericórdia*, Kasper escreve que Jesus revela em si que Deus sofre com o homem e que participa em Pessoa do sofrimento humano⁴⁰⁰. O Pai que Jesus veio revelar, não é um Deus impassível e indiferente à dor humana. Por isso, diante do mal e do sofrimento não valem tantas teorias que podem “ser uma fuga para não lutar contra ele”⁴⁰¹, a única resposta possível é aquela dada pelo

³⁹⁸ DOCUMENTO DE APARECIDA, n.30.

³⁹⁹ GESCHÉ. *O Mal*, p.29.

⁴⁰⁰ KASPER. *A Misericórdia*, p.152.

⁴⁰¹ RUBIO. *Unidade na pluralidade*, p. 605.

próprio Deus, quanto tomou a nossa carne. É por isso, que diante do sofrimento dos nossos irmãos, “não nos é permitido passar adiante”⁴⁰².

A constatação de que o mundo pós-moderno se tornou hostil aos valores cristãos deve impulsionar a Igreja a rever as suas ações, estruturas e interesses, reconhecendo que não se “pode mais repousar sobre o pressuposto de cristandade, colocando todos os esforços na manutenção do que se tem”⁴⁰³. Essa mudança de época, portanto, exige um novo paradigma para o anúncio do Evangelho, mas não precisamos criar nada de novo. Não obstante, esta constatação exige uma nova postura, de rever o que é essencial e o que é secundário no seu discurso para, com humildade e parresia, saber inserir o anúncio do Evangelho nesse novo quadro cultural, para que “seja por ele entendido, apareça como fator de identidade, convença como referência vital, (...), determine a vivência cotidiana, (...), fortifique na crise, desperte esperança e abra ao futuro”⁴⁰⁴.

Na Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, João Paulo II afirma que a atividade missionária continua sendo o maior desafio para a Igreja, porém o testemunho de vida continua sendo a mais eloquente forma de missão⁴⁰⁵. O testemunho verdadeiro nasce do encontro com Cristo, que transborda na vida do discípulo em atos concretos de misericórdia. É também sobre isto que fala o documento programático do Pontificado do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, ratificando que “a ação missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja”⁴⁰⁶, e propõe diretrizes que têm por base a doutrina da *Lumen Gentium*, para “encorajar e orientar, em toda a Igreja, uma nova etapa evangelizadora”⁴⁰⁷.

A missionariedade, como novo paradigma para a Igreja, é o retorno às origens do Evangelho, e isto dará mais proximidade com Aquele que a enviou: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado”⁴⁰⁸. É necessário escutar de novo a sua voz e receber dele a unção do seu Espírito para, de novo, partir; é necessário ver, de novo, o modo como ele mesmo acolhia os

⁴⁰² SD, n.28.

⁴⁰³ AMADO, Joel P. Mudança de época e conversão pastoral: uma leitura das conclusões de Aparecida, in: *Atualidade Teológica*, Ano XII, 30, setembro/dezembro 2008, p.301.

⁴⁰⁴ MARIO DE FRANÇA MIRANDA, *Inculturação da Fé*. Uma abordagem teológica, São Paulo, Loyola, 2001, p.10.

⁴⁰⁵ Cf. JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1990, n.40-41.

⁴⁰⁶ EG, n.15.

⁴⁰⁷ Ibidem, n.17.

⁴⁰⁸ Mt 28,19-20.

pecadores, tocava os leprosos, se alegrava com os que estavam na alegria, chorava com os que estavam no luto, denunciava as injustiças e não excluía ninguém da salvação, porque somente quem compreende e acolhe o amor manifestado por Cristo, em toda a sua vida, sobretudo na sua Paixão, Morte e Ressurreição, responde com amor ao amor.

No livro *Homo Patiens*, Frankl critica toda religiosidade que despreza o ser humano na sua condição dramática⁴⁰⁹, e na Carta *Salvifici Doloris*, João Paulo II ensina que o amor de Deus, revelado em Cristo, é a resposta mais plena à pergunta acerca do sentido do sofrimento⁴¹⁰. Uma forma de traduzir este ensinamento para as realidades do tempo presente está contida na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e que, unindo ao que vimos até aqui, pode ser sintetizada em cinco ações apresentadas nesse documento: Primeirear, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar. Dessa forma poderemos, como comunidade missionária, “tocar a carne sofredora de Cristo no povo”⁴¹¹.

5.3.1. Primeirear na compaixão

Com este neologismo, Francisco convida toda a Igreja a seguir Jesus que “nos amou primeiro”⁴¹². É um convite a tomar a iniciativa para procurar aqueles que se encontram distantes, feridos, os que se sentem excluídos ou indignos da comunhão. Esse foi o exemplo de Jesus, e não podemos pretender ser seus discípulos e ministros se, conosco e em nós, não age o Senhor. *Primeirear* na compaixão é seguir o exemplo do Bom Samaritano que não se limitou à simples comoção e compaixão⁴¹³.

O Cardeal Walter Kasper apresenta a compaixão como via de acesso para testemunhar a misericórdia de Deus na atualidade. Compaixão que é colocar-se no lugar do outro, sabendo que “existem numerosas pessoas para as quais (...) o apelo à compaixão constitui um último consolo e um último amparo”⁴¹⁴. *Primeirear*, portanto, é ousar no amor, que é serviço-doação: “Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais de Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. Se, portanto, eu, o

⁴⁰⁹ Cf. FRANKL. *Homo Patiens*, p.281.

⁴¹⁰ SD, n.13.

⁴¹¹ EG, n.24.

⁴¹² 1Jo 4,10.

⁴¹³ Cf. SD, n.28.

⁴¹⁴ KASPER, *A Misericórdia*, p.30-32.

Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais”⁴¹⁵.

5.3.2. Envolver-se para ser feliz

Após ter lavado os pés dos discípulos, Jesus lhes disse: “Sereis felizes se o puserdes em prática”⁴¹⁶. O serviço, portanto, é a forma concreta do amor, e “é Ele próprio quem, em cada um, experimenta o amor; é Ele próprio quem recebe ajuda, quando ela é prestada a quem quer que sofra, sem exceção. Ele próprio está presente em quem sofre”⁴¹⁷.

Como testemunha dessa coragem de envolver-se, de não ser indiferente ao sofrimento no mundo, de não se apegar à própria imagem, podemos olhar para Madre Teresa de Calcutá quando, na iminência da guerra do Iraque, não se colocou como expectadora de uma tragédia onde vidas inocentes seriam ceifadas pelo mesmo egoísmo que solapa as bases do direito e da justiça nas nossas sociedades, mas *envolveu-se*, escrevendo aos presidentes em questão:

Caros Presidentes George Bush e Saddam Hussein,
Dirijo-me aos dois, com lágrimas nos olhos e com o amor de Deus no coração, para suplicar-lhes pelos pobres e aqueles que se tornarão pobres se a guerra, que todos receamos e tememos, vier a acontecer. Imploro-lhes, com todo o meu coração, que trabalhem, que se esforcem pela paz de Deus e por se reconciliar um com o outro. Ambos têm razões para defender e um povo para cuidar, mas, por favor, ouçam primeiro Aquele que veio ao mundo nos ensinar a paz. [...] A curto prazo, poderá haver vencedores e vencidos nesta guerra que todos tememos, mas ela nunca poderá justificar – e nunca justificará – o sofrimento, a dor e a perda de vidas que as suas armas provocarão. [...]. De joelhos suplico por eles. Eles vão sofrer e, quando isso acontecer, seremos nós os culpados por não termos feito tudo o que estava ao nosso alcance para protege-los e amá-los.⁴¹⁸

O que significa envolver-se? É exatamente o contrário do egoísmo e da indiferença, é nunca se fechar nas próprias seguranças e, sem renunciar à verdade, esforçar-se para fazer todo o bem possível, “ainda que corra o risco de sujar-se na lama da estrada”⁴¹⁹.

⁴¹⁵ Jo 13,12-15.

⁴¹⁶ Jo 13,17.

⁴¹⁷ SD, n.30.

⁴¹⁸ KOLODIEJCHUK, Brian. *Madre Teresa*. Venha, seja minha luz. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2008, p.319-321.

⁴¹⁹ EG, n.45.

Esta é a condição para ser feliz: não ser indiferente às necessidades do mundo. O testemunho é uma linguagem eficaz que não necessita de tradução, é por isso que pessoas como Madre Teresa, Irmã Dulce, João Paulo II, Papa Francisco e tantos outros, tornaram-se ícones da proximidade de Cristo com os que mais sofrem.

5.3.3. Acompanhar para educar

O acompanhamento é fundamental no processo de educação, mas não basta ensinar uma vez, é preciso ajudar a crescer, e isso é tarefa materna. Por isso, a Igreja, Esposa de Cristo, não pode abdicar de acompanhar “a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam”⁴²⁰. Neste ponto é importante

*salientar o grandíssimo significado das atitudes que convém adotar na educação. A família, a escola e as outras instituições educativas — ainda que seja somente por motivos humanitários — devem trabalhar com perseverança no sentido de despertar e apurar aquela sensibilidade para com o próximo e o seu sofrimento, de que se tornou símbolo a figura do Samaritano do Evangelho. A Igreja deve fazer o mesmo, como é óbvio; e, se for possível, ajudar a aprofundar ainda mais tal sentido, com a perscrutação das motivações que Cristo apresentou na sua parábola e em todo o Evangelho.*⁴²¹

Acompanhar é, ainda, ensinar a quem está no sofrimento a não refugiar-se nos artifícios e tentações de fuga que o mundo contemporâneo oferece, alienando, muitas vezes, a pessoa de si mesmo; é também ensinar a lançar sobre Deus as próprias dores, sofrimentos e preocupações⁴²².

5.3.4. Frutificar para alimentar o mundo que tem fome de Deus

Dirigindo-se aos seus apóstolos, na última ceia, Jesus lhes disse: “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei para irdes e produzirdes fruto e para que o vosso fruto permaneça”⁴²³, antes, porém, havia dito: “Eu sou a verdadeira videira e meu Pai é o agricultor. Todo ramo em mim que não produz fruto ele o corta, e todo o que produz fruto ele o poda, para que produza mais fruto ainda”⁴²⁴. Frutificar, portanto, é um imperativo no seguimento de Jesus.

⁴²⁰ Ibidem, n.24.

⁴²¹ SD, n.29.

⁴²² Cf. 1Pd 5,7.

⁴²³ Jo 15,16.

⁴²⁴ Jo 15,1-2.

Ele continua ordenando aos seus discípulos, diante da multidão faminta, como ovelhas sem pastor: “Dai-lhes vós mesmos de comer”⁴²⁵ e, como só é possível produzir fruto permanecendo nele⁴²⁶, a Igreja, na sua missão evangelizadora, deve aprender com Jesus a encontrar “o modo para fazer com que a Palavra se encarne numa situação concreta e dê frutos de vida nova, apesar de serem aparentemente imperfeitos ou defeituosos”⁴²⁷.

O imperativo para que se produza frutos, não deve, de forma alguma, ser confundido com ativismo estéril que tem por sua vez como fruto, o desânimo pastoral, a fadiga, a falta de esperança e “a ânsia hodierna de chegar a resultados imediatos”⁴²⁸.

A eloquência da parábola do Bom Samaritano — como de todo o Evangelho, de resto — está sobretudo nisto: o homem deve sentir-se como que *chamado*, de maneira muito pessoal, a testemunhar o amor no sofrimento. As instituições são muito importantes e indispensáveis; no entanto, nenhuma instituição, só por si, pode substituir o coração humano, a compaixão humana, o amor humano, a iniciativa humana, quando se trata de ir ao encontro do sofrimento de outrem. Isto é válido pelo que se refere aos sofrimentos físicos; mas é mais válido ainda quando se trata dos múltiplos sofrimentos morais e, sobretudo, quando é a alma que está a sofrer.⁴²⁹

5.3.5. Festejar como sinal de gratidão

Francisco nos recorda que a tarefa da evangelização é para fazer avançar o bem, por isso vale a pena festejar cada pequena vitória⁴³⁰. Compreendemos, assim, que ser discípulo de Jesus é comunicar com alegria o seu amor, e a alegria do discípulo de Cristo

É antídoto frente a um mundo atemorizado pelo futuro e oprimido pela violência e pelo ódio. A alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus. Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é a nossa alegria⁴³¹.

⁴²⁵ Mc 6,36.

⁴²⁶ Cf. Jo 15,4-6.

⁴²⁷ EG, n.24.

⁴²⁸ Ibidem, n.82.

⁴²⁹ SD, n.29.

⁴³⁰ EG, n.24.

⁴³¹ DOCUMENTO DE APARECIDA, n.29.

E não é precisamente isso que observamos na vida dos primeiros discípulos e na consequente evangelização que brotou da experiência com Cristo?

Festejar é também a manifestação de gratidão pelos frutos que a sementeira fez brotar; é a alegria pelo retorno do filho que estava perdido; é a festa por ter encontrado a ovelha que se extraviou; é o júbilo pelo Evangelho ter chegado ao coração dos pequeninos. Acima de tudo, é a paz que brotará no coração de todo aquele que escutar, dos lábios de Jesus: “Tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber; era peregrino e destes-me hospedagem, andava nu e vestistes-me, estava doente e visitastes-me, estava no cárcere e fostes ver-me”⁴³².

5.4. Conclusão do capítulo

O presente capítulo pretendia realizar um diálogo entre o livro *Homo Patiens* e a Carta Apostólica *Salvifici Doloris* e, a partir dos pontos em comum, lançar luzes para os desafios e sofrimentos do mundo contemporâneo.

Percebemos, portanto, que a visão antropológica presente nas duas obras está fundamenta na unitotalidade bio-psico-espiritual do ser humano, e este é o ponto de partida para compreender as respostas dadas pelos dois autores aos sofrimentos humanos; este é também o ponto principal para compreender a gravidade da degradação e da desvalorização do ser humano em muitos âmbitos da sociedade contemporânea.

Tanto Viktor Frankl quanto João Paulo II veem o sofrimento como um mal, porém ambos reconhecem que o sofrimento não tem a força de anular a liberdade e a responsabilidade humana. Afirmam, portanto, que em qualquer condição o ser humano permanece livre e sempre tem a possibilidade de preencher a sua vida de sentido.

As respostas apresentadas por ambos são válidas e atuais. A partir delas compreendemos que o ser humano nunca é abandonado por Deus, mas amado na sua verdade e com a sua fragilidade, e que a força do amor o convida e impulsiona a uma atitude concreta de compaixão para com quem sofre.

Nossos dois autores falaram a todos, ao que está no sofrimento ou não, ao enfermo e ao sadio, porque todos têm necessidade de encontrar o sentido da sua

⁴³² Mt 25,34-36.

própria existência, e todos têm necessidade de alguém que os ajude a “dizer sim à vida apesar de tudo”. Aqui entra a missão pastoral.

Dessa forma, na urgência de uma pastoral mais evangelizadora, capaz de anunciar a misericórdia de Deus e de testemunhá-lo como sentido último da vida humana, encontramos no documento programático do papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, um itinerário que traduz para os dias atuais todos os conceitos trabalhados na nossa pesquisa, por isso o inserimos como uma contribuição importante para a vida pastoral da Igreja.